

O RITO: RITMO E EXPRESSÃO DA VIDA SOCIAL

Objetivos

Demonstrar a importância do estudo do rito para a compreensão do ser humano.

Traçar limites e possibilidades inerentes ao estudo dos rituais.

Apresentar propostas metodológicas.

SUBSÍDIOS PARA APROFUNDAMENTO

Entre o ver e o viver

Cada criatura traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro. (MACHADO DE ASSIS. O espelho. In: Contos: uma antologia. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.)

A frase de Machado de Assis é inspiradora para esta primeira aproximação da temática que será desenvolvida no correr do presente estudo. Quando olhamos somente para dentro de nós mesmos, corremos o risco de encapsularmo-nos, de fecharmo-nos diante dos outros e deixarmos de valorizar as inumeráveis riquezas que caracterizam a diversidade humana. Se olharmos somente para fora, podemos perder o contato conosco mesmos, perder nossas referências e as lembranças das experiências significativas que contribuíram para a formação de nossas identidades. Por isso somos portadores e precisamos cultivar com cuidado nossas duas almas, nossos dois olhares, a fim de melhor situarmo-nos diante de nós mesmos e diante do mundo, mesmo sabendo que a alma humana não se contenta apenas em mirar aquilo que vê, mas que, vendo, tudo pode transformar pelos significados que atribui ao objeto de seu olhar.

Em se tratando de rituais, devemos considerar a não-coincidência de intenções e perspectivas entre o olhar a partir de fora - a fim de os observar, descrever e analisar para compreendê-los e explicá-los teoricamente - e o olhar a partir de dentro da experiência pessoal de vivenciá-los de maneira ativa e participativa. Essa observação permite-nos, portanto, constatar que existe uma diferença qualitativa entre teorizar e vivenciar rituais. Pode parecer impossível conciliar os dois olhares. O primeiro vem recheado de questões e indagações próprias do trabalho científico, que exige tomar distância, exercitar a abstração, o método, a racionalidade, a neutralidade, mesmo que sempre inalcançável; o segundo, na plenitude de sua experiência, apresenta-se pleno de emoções, adesões, vínculos, efervescências.

De fato, essa é uma das dificuldades e um dos limites que são colocados aos

estudiosos dos ritos. Vamos buscar enfrentá-los mesmo sabendo que permanecerão. A fim de diminuir um pouco a distância que separa os olhares, apresentamos algumas propostas. Vamos partir do pressuposto de que é verdade que todos nós já tenhamos vivenciado rituais e sejamos portadores de lembranças significativas dessas experiências. Em vista disso, propomos que as conservemos conosco, pois poderão tornar-nos mais compreensivos e hospitaleiros para acolher outras experiências, que, diferentes das nossas, são igualmente importantes, pois integrantes de mundos de sentido e significado para tantos outros sujeitos e comunidades. Propomos que ao mesmo tempo façamos um esforço intelectual para tentarmos também olhar de fora para elas, e que nesse esforço nos perguntemos: como será que pessoas que não são integrantes de nosso grupo, que não participam de nossas motivações, poderão ver e interpretar nossas práticas rituais? Por isso este estudo sobre os ritos inicia-se com uma proposta de movimento que busca articular positivamente nossas experiências rituais com aquelas que outras pessoas ou grupos vivenciaram ou vivenciam.

Para que possamos proceder ao estudo dos rituais, é preciso que tomemos algumas providências. A primeira é que tenhamos clareza e um certo nível de concordância inicial a respeito da natureza e do que aqui se entende por rito, ou seja, que definamos nosso objeto. A segunda providência é que estabeleçamos um método de análise explicitando seus pressupostos, decorrências e implicações. A seguir, que nos exercitemos na análise de alguns rituais, buscando identificar os elementos que os formam, sustentam e articulam enquanto estruturas básicas para Suas realizações. Identificar as propriedades dos ritos enquanto ação que se configura e incide na vida das pessoas, nos grupos e nas culturas é outro objetivo aqui proposto. Questões como finalidade e operatividade serão, então, objeto de inquirição que buscamos lograr com este trabalho. Como fato social, os ritos serão analisados em suas dimensões espaciais e temporais. Como expressão de vivências e experiências subjetivas, receberão tratamento condizente.

Afinal, quando usamos o conceito "rito", a que nos referimos!

Em vez de apresentarmos uma definição única e conclusiva sobre o que se entende por rito, o que, aliás, seria uma tarefa arriscada e inglória, dado que muitos de seus aspectos relevantes poderiam ser esquecidos ou postos de lado, propomos iniciar retomando algumas das raízes semânticas da palavra.

Se formos buscar a origem no latim, encontraremos a palavra *ritus* com a acepção de ordem estabelecida, ordem prescrita. Podemos procurar uma associação com o grego, e lá a palavra prescrição aparece como *artus*, que por sua vez refere a *ararisko*, indicando a ação de harmonizar, adaptar, e também a *artmos*, elo, junção. Caminhando um pouco

mais, iremos até a língua sânscrita. Nela encontramos ar, que indica a disposição organizada das partes no todo, que no indo-europeu védico é indicativa da ordem do cosmo, como também da ordem das relações entre os deuses e os seres humanos e aquelas dos seres humanos entre si. De raiz indo-européia está o ri, que aponta para ritmo, rima, rio, água que flui e se espalha fecundando a terra, portanto gerando vida. Por sua vez, no iraniano, está a palavra *arta*, que em nossa língua liga-se à idéia de harmonia restauradora.

O rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo. A busca pela ordem e o movimento são elementos constitutivos dos rituais. São colocadas, aqui, algumas questões relevantes, mas pouco trabalhadas pelos estudiosos. Quem define que é a ordem? Quem a prescreve em nome dos deuses e da sociedade? Quais interesses poderão estar em jogo? A ordem desejada ou construída por alguns poderia equivaler à desordem para outros? Por enquanto, deixemos essas questões de lado. Elas voltarão ao longo do livro.

Ora, todo movimento resulta de uma ação, é ação. Por isso o rito é entendido também como ação ordenada. Como toda ação está orientada para a consecução de um objetivo, para uma finalidade, assim também nos ritos estão contidas destinações que podem ser mais ou menos conscientes ou inconscientes, explícitas ou implícitas. Como sabemos, toda ação humana portadora de uma finalidade resulta de um trabalho articulado do espírito com o corpo. Na ação, o ser humano coloca em movimento todo o seu ser, pois que nesse trabalho opera a imaginação, a criatividade, a racionalidade, a sensibilidade, os sentidos, a palavra, os gestos, as atitudes. Georges Balandier, importante sociólogo e antropólogo da escola francesa, alarga nossa compreensão sobre a ação ritual quando afirma:

O rito age sobre os seres humanos por sua capacidade de emocionar; o rito coloca-os em movimento, corpo e espírito, graças à coalizão de meios que provoca. [...] Explora o registro simbólico e o conhecimento reservado ou "profundo". [...] Conjuga linguagens: a sua própria; mas também a música, a dança, o gesto.¹

Toda ação acontece em algum lugar e em algum tempo. Os ritos, portanto, para serem vividos e compreendidos, devem ser localizados em suas dimensões espaciais e temporais. Assim, há ritos que são vividos nas casas, nas ruas, na natureza, em igrejas. Existem aqueles que são apropriados para algumas datas e não para outras. Os componentes socioespaciais dos ritos levam-nos, naturalmente, a pensar em história, a

1 BALANDIER, Georges. A desordem, elogio do movimento, p. 31.

qual, por sua vez, remete-nos a considerações relativas às culturas em sua extrema diversidade de formações. Como a articulação tempo-espaço-cultura é fundamental para a compreensão dos ritos, ao longo do texto buscaremos aprofundá-las. Limitar-nos-emos, por enquanto, a apontá-la.

Há também de considerar que uma ação pode ser individual, acontecer em espaço privado, fora das vistas de outros, ou pode ser coletiva, compartilhada. Neste último caso, as palavras ditas são ouvidas, os gestos são vistos, algo pode ser comunicado, aprendido, interpretado e mais tarde reproduzido, conservado, dando origem ou integrando uma tradição. Pode ser, também, que aquilo que foi visto e ouvido venha a sofrer alterações, acréscimos, reduções. Ou, ainda, ser simplesmente esquecido. Essas breves considerações apontam para o fato de que os ritos não são imutáveis. Conforme as circunstâncias e as necessidades sociais, novos ritos podem ser criados, ou *re-criados* ou *re-significados*, e outros ainda podem desaparecer quando não tiverem mais sentido para uma comunidade ou para a sociedade em geral. O rito situa-se, portanto, na articulação entre tradição, memória, conservação e transformação.

Durante um ritual, é comum que nem todos os envolvidos desempenhem os mesmos papéis e funções. Existem palavras que somente podem ser proferidas por algumas pessoas e gestos que são realizados por determinados participantes e vetados a outros. O mesmo se dá com a utilização de certos objetos que fazem parte dos rituais. Algumas pessoas podem manuseá-los, outras são proibidas de tocá-los ou mesmo vê-los. Há aquelas que presidem os rituais e as que dele participam de maneira subordinada. É o grupo que estabelece e dá a conhecer essas regras, chamadas prescrições, rubricas ou, conforme o caso, interdições. Dessas regras costuma fazer parte a determinação prévia da seqüência de ações particulares que fazem parte do ritual. Existe, assim, uma ordem de ações internas aos ritos.

Vamos verificar como acontecem algumas dessas afirmações e ao mesmo tempo abrir espaço para outras constatações a partir de um exemplo de microrritual muito comum na vida das famílias. Dizemos microrritual porque se refere a um grupo pequeno que integra a sociedade mais abrangente. A contrapartida do microrritual é o macrorritual, do qual participa, de maneira direta ou indireta, um grupo muito maior de pessoas. O microrritual, cuja análise agora proponho, é conhecido por todos. Passo a descrever para, a seguir, apontar os elementos constitutivos e comuns a vários ritos que estão presentes em uma festa de aniversário.

Maria, filha de dona Carmem e do senhor João, vai completar quinze anos de hoje a um mês. É um acontecimento muito importante para a vida daquela família, pois, afinal, só se faz quinze anos uma vez na vida, e este é um marco significativo na vida de uma

adolescente. Os pais decidem celebrá-la com pompa e circunstância. Celebrar é tornar o fato célebre para todo o grupo de familiares e amigos. Dona Carmem e seu João, ao se decidirem pela festa, decidem também onde ela deverá acontecer. Escolhem festejar em casa e lembram que é preciso retocar as paredes da sala, cuja pintura está bastante comprometida. Tendo em vista o quanto podem gastar, escolhem, junto com Maria, o que será servido aos convidados, que roupas usarão, quem será convidado, quem ficará de fora, em que lugar ficará o bolo, qual toalha e quais pratos, talheres, copos e enfeites serão utilizados. Esse momento prévio é chamado preparação remota do ritual.

Tendo marcado dia e hora, os convites são feitos. Os convidados, por sua vez, também começam a preparar-se. Quem irá com quem, que levar como presente, como se vestirão.

É chegado o dia. Vêm os convidados. São recebidos na porta pelos donos da casa e pela aniversariante. Abraços, beijos, cumprimentos, votos de felicidade.

– Como a Maria cresceu, como está bonita, parece que foi ontem que a peguei no colo, agora está uma moça. Trouxe esta lembrancinha, não repare, é simples, mas dada de coração.

Os convidados são introduzidos na casa. Os que se conhecem começam a conversar, os que não se conhecem são apresentados. São servidos salgadinhos e bebidas. Enquanto comem, as conversas correm soltas.

– Nossa, que saudade, há quanto tempo não nos vemos, parece que só nos encontramos em enterros e casamentos.

– Você sabia que o tio Antônio morreu? Ele era tão bom!

Bebia um pouco demais, mas, quando a gente precisou dele, porque meu pai ficou desempregado, nunca nos faltou. Como a prima Rosa está acabada, diz que ela e o marido estão quase se separando, deve ter mulher nova no pedaço.

– Olá, Rosa, como você está bem! Como vai o maridão? E os filhos? Ah! Já estão na faculdade? Você conhece a Matilde? É uma amiga da família.

– O Paulo continua arrogante como sempre. Que cara chato, pensa que tem o rei na barriga.

Passado um tempo, aqueles que se achavam dispersos pela casa são chamados. Chegou o momento solene, a hora do bolo. Todos se reúnem em pé em volta da mesa. Pais e filha de um lado, convidados de outro. Apaga-se a luz, e no escuro as velas são acesas. Silêncio. Canta-se o "parabéns a você". Maria, emocionada, junto de seus pais, também emocionados, apaga as velas. A seguir, a luz é novamente acesa. Palmas, gritos de alegria. O bolo é partido e servido. A quem cabe o primeiro pedaço? Os brigadeiros, docinhos de coco, olhos-de-sogra, cajuzinhos até agora proibidos e que atiçavam o

desejo das crianças -, podem ser comidos à vontade. Todos se servem e continuam conversando, fazendo memória, trocando endereços.

– Precisamos nos encontrar com mais frequência, quem sabe uma pizza no sábado, ou um churrasco no sítio do Waltinho?

Chega a hora de partir. Despedidas, abraços, beijos, novos votos de felicidade. Quem sabe novos encontros?

Quase todos nós já participamos de rituais semelhantes. Vamos, agora, pontuar o acontecido com um pouco mais de teoria. Por exemplo: sucessão de fases ordenando a ação – onde já se viu, primeiro partir o bolo e depois começar a servir salgados e só então dar o presente para a aniversariante? Há ou não palavras, cânticos e gestos de praxe que devem ser ditos e executados? Todos conhecem as regras e cumprem-nas mesmo sem grandes reflexões anteriores. Há uma certa teatralidade no que se refere a papéis definidos em relação a cada pessoa; podemos dizer que se espera que cada qual tenha seu próprio desempenho. É à aniversariante que cabe apagar as velas e não à sua amiga de classe na escola.

Durante a festa, para a qual muitos foram convidados e outros, excluídos, firmou-se, para os primeiros, o sentimento de pertença ao grupo, de reconhecimento mútuo, de inclusão de novos membros. Novos laços foram construídos, outros, reforçados. A memória do grupo foi reavivada e seus valores, comunicados. Antigas tradições presentes em cânticos, receitas culinárias foram ali preservadas e revividas. Em meio ao lazer e à confraternização, a identidade pessoal e coletiva foi reafirmada. Houve uma troca de dons: o visitante trouxe um presente e recebeu acolhida, alimentos, bebidas, selando alianças e deixando margem a, e quase sugerindo, uma futura retribuição. Os festeiros, provavelmente, serão, no futuro, convidados para outras festas, introduzidos em outras casas, agraciados com outros bens materiais e simbólicos.

No caso que estamos analisando, cabe uma colocação de Durkheim no sentido de ampliar nossas observações.

o seu primeiro efeito [do rito] é, pois, o de aproximar os indivíduos, de multiplicar os contatos entre eles e de torná-los mais íntimos. Já por isso mesmo o conteúdo das consciências muda. Durante os dias mais comuns, as preocupações utilitárias e individuais ocupam maior espaço nos espíritos. Cada um ocupa-se de sua tarefa pessoal; para a maior parte das pessoas, trata-se, antes de tudo, de satisfazer as exigências da vida material [...]. Certamente os sentimentos sociais não poderiam estar totalmente ausentes dela. Permanecemos em relação com nossos semelhantes; os hábitos, as idéias, as tendências que a educação imprimiu em nós e que normalmente presidem nossas relações com os outros continuam a fazer sentir sua ação. [...] Só se reunindo é que a sociedade pode reavivar a percepção, o sentimento que tem de si mesma.²

O momento-chave da interação familiar e elemento da arquitetura da vida social, a

2 DURKHEIM, Émile. *Formas Elementares da Vida Religiosa*, pp. 418-419.

refeição, apresenta-se como ritualização da partilha da comida, num cerimonial influenciado pelas preferências religiosas e que se transmite através de gerações, respondendo à lei natural da aliança e da troca representada pela comensalidade. No seio da família, a refeição contribui para o aprendizado dos papéis, da solidariedade e da distinção social. No seio do grupo de comensais, ela assegura a permanência dos valores culturais e das regras socialmente definidas, a conformidade com o modelo expressando a participação do indivíduo no grupo.³

Nesse exemplo, tão simples, de uma festa de aniversário, devemos também ressaltar a presença insubstituível de elementos dotados de profundo conteúdo simbólico. Referimo-nos ao jogo luz clara/escuridão, luz trêmula das velas/nova claridade. Como sabemos, os símbolos referem-se e remetem a uma realidade maior e mais profunda do que aquela diretamente observável em sua materialidade ou forma. Conforme as circunstâncias, cada elemento simbólico pode ser dotado de vários sentidos e significados. No caso que agora nos serve de mote para introduzir-nos no complexo mundo dos ritos, todavia, o jogo luz/sombra/escuridão, centrado no uso das velas, parece ser indicativo de um algo mais do que o explícito. Vejamos: Maria cumpriu uma fase de sua vida, fechou-se um ciclo, aquele da infância, agora ela já é uma mocinha. Apaga-se a luz. Uma nova fase tem início timidamente. Ela e sua família têm pela frente um futuro, onde mora o desconhecido, o imponderável. Todo o desconhecido causa um certo temor: que teremos pela frente, que nos espera, como será? No ambiente, a luz tímida das velas brilha trêmula. Porém o grupo de familiares e amigos está presente para ajudar, fortalecer, amparar, incentivar. Para isso os presentes formulam em voz alta, cantando e batendo palmas, seus votos de felicidade, de muitos anos de vida repleta de tudo aquilo que é desejável e bom. A luz forte é acesa, como que inaugurando uma nova fase na vida da aniversariante. Na descontração, o grupo brinca, e ludicamente ri, cantando de maneira jocosa algo que no fundo expressa um desejo geral: Maria deve casar. "Com quem será, com quem será .. .?" Todos se divertem, espantando sombras de medo e ansiedade. Agora está tudo bem, "tudo nos conformes".

Claude Rivière, em obra já citada, diz que o rito é a respiração da sociedade, portanto é também por meio de um rito simples como esse que o grupo familiar e seus amigos estabelecem uma quebra no cotidiano de suas vidas e respiram revigorados. O mesmo autor afirma que não há sociedade sem rito, nem rito sem sociedade. Sendo inúmeras as sociedades, são inumeráveis os ritos que engendram. Na verdade, diz o autor, praticamos ritos todo o tempo. Eles são, assim, uma necessidade humana, parte do viver humano, dimensão dominante de toda a nossa vida pessoal e coletiva. Como não

3 RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*, p. 9.

vivemos sem criar ou praticar rituais, são considerados uma experiência vital, um dado antropológico fundamental, elemento constitutivo da realidade humana em que se expressa toda a nossa vida. São, pois, co-naturais ao ser humano enquanto dimensão expressiva de seu ser e sua realidade.

Ao mesmo tempo, como nós, humanos, diferentemente de outros animais, que trazem uma programação genética fechada, que, tal como uma silenciosa voz interior, os orienta e dita quando, que e como fazer para sobreviver e relacionar-se com os de sua e outras espécies, nós precisamos aprender a agir para sobreviver. Nesse sentido, os ritos são uma ação pedagógica na medida em que transmitem e ensinam formas sociais de comportamento, veiculam conhecimento, preservam e comunicam tradições, preferências morais e estéticas, ensinam que atitudes devemos ter diante e durante a vida - e que são esperadas pelo grupo do qual participamos -, comunicam valores e crenças tidos como preciosos, apontam para o que se pode esperar e como devemos agir, oferecem exemplos de atuações relevantes e meritórias - também daquelas consideradas indesejáveis e perigosas -, estimulam, motivam e induzem adesões e formas comportamentais por um tempo mais ou menos extenso. Os ritos dizem-nos, por exemplo, como constituir família, como expressar emoções, o que devemos fazer para obter uma colheita favorável, como despedir e sepultar nossos mortos, o que fazer em caso de doenças, o que é esperado de um adolescente e de um adulto, como homens e mulheres devem relacionar-se. Ensinam e apontam nossos amigos, adversários ou inimigos, quem é digno de respeito ou desprezo, quem deve mandar, quem deve obedecer. Os ritos propiciam, sob forma dramática, que narremos as origens e a criação do mundo e de tudo o que nele existe, as lutas e composições entre o bem e o mal; mostram como podemos e devemos entrar em contato com as forças sobrenaturais, o que delas podemos esperar, e tantos outros ensinamentos preciosos para a vida de um grupo.

Aqui reside a importância dos estudos sobre rituais e também um dos objetivos deste trabalho, ao perguntarmos por que estudar os ritos? Porque acreditamos que, ao estudá-los, estamos conhecendo um pouco melhor a nós mesmos. Conhecer os ritos, em última instância, é conhecer o ser humano que os produz e neles atua. Assim, o estudo dos ritos não é uma mera ilustração ou capricho de intelectuais, mas uma forma ou ferramenta para acercarmo-nos de nós mesmos na multiplicidade de dimensões que nos constituem como seres biológicos, psíquicos, sociais, dotados da capacidade de imaginar, criar, significar e transcender. Essas capacidades qualificam-nos como seres espirituais, ou seja, não somos prisioneiros da matéria, do diretamente observável, do já dado, da programação fechada. Porque essas faculdades humanas expressam-se e manifestam-se

nos ritos, podemos dizer que, mesclados a conteúdos e gestos profanos, os rituais são portadores, em sua profundidade, de uma conotação religiosa.

Vejam, agora, outras formas de rituais, chamados, como aquele que acabamos de analisar, de ritos profanos ou seculares, porque acontecem fora da esfera das religiões propriamente ditas. Priorizaremos, desta vez, em nossas análises os macrorrituais, ou seja, aqueles que, com maior alcance e visibilidade, direta ou indiretamente, envolvem consideráveis parcelas da população. Entre eles estão os ritos cívicos - como as paradas militares, passeatas, comícios políticos -, também os desfiles carnavalescos, as procissões religiosas e os ritos esportivos - como, por exemplo, as corridas de automóveis, olimpíadas e os que se verificam em partidas de vôlei, basquete, tênis, futebol. Concentremos nossas atenções neste último, que, conforme alguns autores, vem a ser a releitura moderna de antigos enfrentamentos de caráter guerreiro entre grupos rivais.

Em dia, hora e local predeterminados e conhecidos dos atletas, comissões técnicas, torcidas, mídia e público em geral, as equipes classificadas apresentam-se para a disputa. Para os atletas, um longo processo antecedeu a efeméride; foram tempos de exercícios físicos, treinamento de táticas de ataque e defesa, restrições alimentares e medicamentosas, concentrações. Um conjunto de especialistas - como coordenadores, treinadores, médicos, massagistas com funções determinadas - acompanhou toda essa fase preparatória. Enquanto isso, o local da partida também era preparado. Da mesma forma, as torcidas prepararam-se, dirigindo-se ao campo com antecedência e comprando suas entradas com dinheiro reservado para essa finalidade.

Chega o dia marcado para o final do campeonato. Muitos torcedores, transcendendo momentaneamente as suas agruras particulares - como desemprego, falta de dinheiro, decepções e desencontros em relacionamentos -, estarão, nesse tempo mágico instaurado pelo esporte, portando camisas com as cores e brasões de suas equipes, bandeiras e faixas com dizeres alusivos à ocasião. Mais do que simples camisas ou jogos de cores escolhidos pela beleza de suas combinações, são atestados de preferências, amores, adesões que conferem e visibilizam identidades, favorecendo confraternizações ou hostilidades. Nas arquibancadas, os torcedores sentam-se em lugares marcados, unidos e separados, unidos e excluídos por afinidades em relação aos times.

No momento imediato que antecede a disputa, os times e seus dirigentes deixam os vestiários e, uniformizados com as cores que defendem, apresentam-se no campo. Também uniformizados estão o árbitro e seus auxiliares, encarregados de fazer valer regras e estatutos por todos conhecidos. A torcida vibra e os recebe entre ovações, hinos,

gritos, palavras de ordem, chacotas, aplausos e vaias. Bandeiras são desfraldadas. Repórteres entrevistam os jogadores que, via de regra, reafirmam estar bem preparados física e psicologicamente, dispostos, com garra e determinação, a vencerem a partida "se Deus quiser". Na ocasião, deixam claro o respeito pelo adversário, confirmando sua humildade. O jogo, após o cumprimento das etiquetas de praxe, tem início. Os lances da partida provocam clima de exaltação geral, alternando sofrimentos, alegrias, desejos, ansiedades, raiva, solidariedade e hostilidade. Um jogador faz gol, na seqüência dá pulos no ar, levanta os braços, executa teatralmente gestos de vitória incentivando a torcida e espicaçando os adversários. Os companheiros de equipe abraçam-se. Final de campeonato. A equipe vencedora dá a volta no campo, os atletas, agora elevados à condição de heróis, recebem aplausos delirantes. O troféu, devidamente beijado, é levantado pelo capitão da equipe e exposto à veneração geral.

Torcedores que não puderam deslocar-se até o campo assistem à partida pela televisão. Em várias casas, bandeiras são estendidas nas janelas. Muitos se reúnem em lares, bares ou clubes, criando comunidades de adeptos. Não são poucos os que vestem as camisas e cores de seus clubes. Também nas casas cumprem rituais. Se sentados, levantam, pulam, gritam, abraçam-se, expressando sentimentos fortes de esperança e desespero. No dia seguinte, os mais fanáticos torcedores usarão, no trabalho ou nas escolas, a camisa de seu time.

Não é por acaso que os jogadores triunfantes que mais se destacaram são erigidos à condição de "ídolos", super-homens, por algum tempo imortalizados na glória. Como novos semideuses, de cuja ação depende a felicidade ou tristeza generalizada, concedem seus favores autografando, doando objetos usados na partida, acenando, proferindo palavras de congratulação.

Nessa breve descrição, não exaustiva, diante de uma riqueza muito maior consignada em alguns ritos esportivos, um dado chama a atenção: neles podemos observar a construção social de uma dimensão existencial revestida de sacralidade que, transbordando o campo do religioso, permeia-o e qualifica-o. Ora, como pode ser isso, sendo que antes se afirmava ser o esporte um rito secular ou profano? Acontece que o horizonte da dimensão de sacralidade é mais vasto que o âmbito das religiões.

Aqui é importante acentuar que, considerando-se valorativamente todas as semelhanças entre o rito e o jogo, o primeiro não é e não pode ser reduzido ao segundo. Contudo, como vimos, os jogos desenrolam-se sob forma ritual. A não-redução, apesar de o jogo ser um ritual, deve-se ao fato de os jogadores reconhecerem que estão "jogando", enquanto os praticantes de outras sortes de ritos não reconhecem e afastam a hipótese de que estão praticando um jogo.

Pelo que até agora nos foi possível demonstrar, relativamente a alguns aspectos dos ritos, podemos afirmar que incidem em todas as dimensões da vida humana pessoal e coletiva. Dos exemplos dados guardemos, entre outras, algumas características comuns aos rituais: regularidade, ordem, seqüência das ações, regras e, conseqüentemente, controle social, comportamentos previstos, improvisação, irrupção de uma nova configuração social, criação e transcendência de um tempo com quebra da cotidianidade, sistemas simbólicos, adesão a valores, sentimentos profundos de pertença, amores, paixões, rivalidade, corpos em ação, construção de significados, intencionalidades, compromissos, recriação periódica do tônus social e relacional, reunião de pessoas e grupos, delegação de funções e papéis, criatividade, imaginação, protagonismos teatralizados, comunicação, mensagens, tensões, efervecências, trocas, exaltação, celebração, dimensão sacral. Não nos esqueçamos da dialética entre os olhares de fora e a partir de dentro da vivência ritual.

Qualidades do ver para compreender

Não basta assistir aos rituais, ler suas descrições, ouvir falar sobre o que acontece durante a ação que neles se desenrola para que possamos, de fato, nos inteirar da riqueza de que são portadores, do sentido que os anima, da qualidade das experiências que neles são vividas. De antemão, somos sabedores de que o rito não pode ser decodificado jamais, que não nos é possível mergulhar nas profundidades a que remete, que muito do que lhe é próprio permanecerá indevassável a nossos olhares, pois que é indevassável o mistério que o habita e constitui, tais como são indevassáveis os recônditos da interioridade humana e da vida social. Por isso dele nos acercaremos sempre com reservas e cuidados. Este é um livro, todavia, que se propõe tratar de ritos. Tal ousadia precisa ser amparada, fundamentada e regrada para que não caiamos facilmente em generalizações indevidas, em reducionismos falaciosos, em idealizações anistóricas ou preconceitos paroquiais. Sendo assim, resolvemos recorrer às ciências a fim de afinar nosso olhar, sempre iluminado pelo holofote da sensibilidade de que todos somos portadores.

Dada a imensa variedade de ritos e a complexidade a eles inerente, podemos facilmente concluir que uma ciência isolada não dá conta de explicá-los. Precisamos do concurso das várias ciências, com seus olhares, suas epistemologias, seus métodos, suas teorias. Chamamos, pois, em nosso auxílio, a antropologia, a sociologia, a filosofia, a psicologia, a biologia, a geografia, a história e as ciências da religião. Nosso método de estudo, portanto, pressupõe o diálogo interdisciplinar para a compreensão do nosso objeto, ou seja, do tema que agora nos ocupa.

As limitações antes apontadas não são motivo para abandonarmos nosso projeto.

Ao contrário, são sobretudo um estímulo para avançarmos e alargarmos os limites de nossa compreensão, em busca da qual precisamos ter claro que o mundo dos ritos enraíza-se no mundo dos seres humanos, e que o mundo dos seres humanos constrói-se na cultura. Sendo assim, nem o ser humano nem o rito podem ter existência, tampouco ser compreendidos fora da cultura, que por sua vez é construção humana e histórica.

Se por um lado a cultura, em sua forma singular, pode, com controvérsias e dificuldades teóricas de toda sorte, ser descrita em termos precisos e ao mesmo tempo abrangentes, as especificidades que apresenta, como toda construção histórica, localizada e diversificada, impõem-nos usar também a forma plural: culturas.

Vejamos, em primeiro lugar, a forma singular do conceito. Nem todos os estudiosos definem cultura da mesma maneira: uns acentuam certos aspectos, outros dão realce a dimensões diferentes. Com a finalidade de percebermos as várias imbricações entre rito e cultura, vamos adotar, aqui, uma conceituação bastante ampla. Nela cabe o modo de produção, a tecnologia, a distribuição social dos bens produzidos ou coletados na natureza. Vinculadas a esse primeiro nível, consideramos parte integrante da cultura as maneiras pelas quais os seres humanos se distribuem socialmente e se organizam em instituições, associações, exercendo várias formas de poder. Aí estão também leis, regras, valores, tradições, crenças, costumes, linguagens. O conceito contempla, ainda, as formas pelas quais as pessoas interpretam, significam e explicam o universo, o mundo, o lugar onde vivem, a vida, ou seja, a cosmovisão de um povo.

Essa maneira de entender a cultura permite que, olhando para o mundo, detectemos facilmente a enorme diversidade cultural que é característica das construções humanas. Por isso, quando queremos ressaltar essa diversidade, falamos em culturas, usando, pois, a forma plural. É preciso, ainda, esclarecer que, no interior de uma cultura complexa como a nossa, coexistem várias formas de organizar a vida pessoal e grupal, vários sistemas de crenças, visões de mundo etc. Por essa razão é que, ao nos referirmos a culturas complexas, não podemos perder de vista a diversidade cultural proveniente do amálgama efervescente e por vezes conflitivo de várias tradições, vários lugares, várias formas de participação social, política e econômica.

É a consideração das muitas dimensões que compõem a cultura e da diversidade que existe no interior de uma mesma formação cultural, e entre as culturas, que nos permite uma aproximação consistente da pluralidade que caracteriza o mundo dos rituais. Na multiplicidade de formas e conteúdos da ação ritual, a partir de elementos e características postos a sua disposição na cultura, que os seres humanos dizem quem são, ou imaginam ser – o que, no fim, dá no mesmo –, como é o mundo, o cosmo, o universo. Narram a história deste mundo em suas dimensões visíveis e invisíveis e as

relações que no dia-a-dia estabelecem entre ambas; contam sua história pessoal e a de seu grupo, falam de seus anseios, medos, necessidades, conquistas. O rito, como construção humana, nasce e fala precisamente das necessidades, buscas, esperanças, angústias, ilusões enraizadas na história de cada ser humano em particular e na história coletiva. No rito estão recolhidas e são atualizadas explicações encontradas, tradições conservadas, novidades propostas. Nele o presente é interpretado e ganha sentido, e o futuro é antecipado por meio de desejos que, ao serem expressos no contexto ritual, objetivam simbólica e historicamente suas concretizações. Pela tensão que nele se estabelece entre o passado, o presente e o futuro, pode-se afirmar, mais uma vez, seu caráter transcendente e instaurador.

Se antes afirmávamos que o estudo dos ritos é o estudo do ser humano, aqui podemos ampliar e precisar um pouco mais essa colocação. Estudar o rito é estudar o ser humano na cultura da qual participa, com suas cosmovisões, seus costumes, sua vida social, sua vida material, sua história.

Proposta metodológica

Somando essas considerações àquelas tecidas anteriormente, vamos, agora, delinear as maneiras pelas quais o estudo dos rituais será empreendido, ou seja, o método particular que conduzirá nossas investigações. Trabalharemos com uma abordagem que privilegia três níveis de aproximação. No processo, esses níveis estarão interligados e serão entendidos como auto-referentes e complementares. A utilização da distinção numérica que se segue deve-se somente a um recurso textual, não se reportando à prevalência de ordem ou lugar. Assim, a circularidade que procuraremos estabelecer entre eles marcará todo o nosso trabalho.

No primeiro nível estaremos enfocando, sobretudo, o aspecto formal do rito, tal como se manifesta e pode ser observado. É o momento em que a descrição se articula com a teoria. Estaremos observando e registrando onde e quando determinado ritual acontece, quem dele participa e quais os tipos de participação que acontecem; buscaremos identificar e compreender o que está sendo narrado, com quais expressões e palavras, quem as pronuncia, quem as ouve; perceberemos como se desenrola a ação, quais elementos simbólicos estão presentes (cores, gestos, músicas, danças, artefatos etc.). É exigido, aqui, o concurso da teoria sobre linguagens, narrativas, símbolos.

A seguir, privilegiaremos uma abordagem que conjuga a antropologia e a sociologia, neste estudo entendida como dimensão operativa. Estaremos atentos à realidade sociocultural, na qual os ritos acontecem como fato social e coletivo. Propomos perscrutar essa realidade abrangente, bem como as relações sociais que se estabelecem nos rituais; como essas relações são articuladas com o todo social; como o

rito ordena, reproduz, modela, instaura e significa o mundo; qual o lugar do rito estudado no interior da cultura, que proíbe, sanciona, ensina. Nesse nível, estaremos nos perguntando, portanto, sobre a dialética - não imediatamente perceptível pelos participantes - das incidências da cultura nos rituais e destes naquela. Jogaremos luz sobre tradições, crenças, costumes, hábitos. Contemplaremos o rito como uma das sínteses privilegiadas do *ethos* cultural de um povo, entendendo-o em seus aspectos morais, cognitivos e existenciais. Clifford Geertz, ao articular a compreensão da visão de mundo com o *ethos* de um povo, afirma ser este

o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e a seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que este povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade.⁴

Finalmente, o terceiro nível de aproximação dos rituais pauta-se pelos procedimentos peculiares à fenomenologia, que indaga o valor e o significado que a pessoa ou grupo atribui ao rito do qual participa. É o momento da audição para a compreensão, pois que no rito há sempre algo mais para além da descrição, da decodificação, da operatividade no social. Busca-se captar algo que não é redutível à análise socioantropológica porque ligado à subjetividade, à consciência em que se aninha a dimensão espiritual do ser humano. Essa dimensão pode ser expressa em várias chaves (filosófica, artística, política, relacional, ética, científica etc.). Quando, nessa dimensão, encontramos um núcleo de sentidos e significações com referência a um sobrenatural, que na cultura pode ser representado de formas múltiplas, estamos diante do fenômeno religioso, que é o objeto, o ponto de partida da fenomenologia da religião. Ela busca aprofundar as vivências e intenções originárias e atuais do ser humano produtor de religião, do *homo religiosus*, ou seja, resgata e realça o papel fundamental da experiência religiosa. Se por um lado nem todas as pessoas são religiosas em sentido estrito, por outro lado muitos ateus ou agnósticos reivindicam profundas experiências religiosas possibilitadas pelas práticas significativas de transcendência horizontal, ou seja, aquelas possibilitadas pelas relações interpessoais, pelo exercício da solidariedade, pela ética, pela filosofia, pelo contato íntimo e profundo com a arte etc. A dimensão religiosa entendida como presente no interior e para além das denominações e filiações permite-nos constatar que em todas as culturas ela existe, está presente e é vivida em vários ritos.

Tal abordagem, que conjuga muitos níveis de aproximação e busca o concurso de várias ciências, justifica-se, pois, se ficássemos apenas no primeiro nível, poderíamos reduzir-nos somente à exterioridade dos rituais. O nível operativo, se fosse o único,

4 GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas, pp. t 43-144.

poderia conduzir-nos a uma compreensão próxima a um funcionalismo fechado em si mesmo. Caso nos ativéssemos apenas à dimensão subjetiva da experiência religiosa, poderíamos deslizar para um essencialismo idealista, intimista, sincrônico e psicologizante dos fatos religiosos desconectados do processo histórico e da realidade sociocultural que os informa e enforma. Assim sendo, a redução metodológica conduziria a um afastamento dos pressupostos teóricos da fenomenologia contemporânea, posto que ela acentua que o rito somente pode ser apreendido se conectado com a realidade humana em sua totalidade bio-sócio-psíquico-cultural-espiritual, o que demanda uma abordagem que dela se aproxime.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares de vida religiosa*. São Paulo, Paulus, 1989.

CEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Cuanabara Koogan, 1989.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis, Vozes, 1997.

TERRIN, Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritual idade*. São Paulo, Paulus, 2004.